

FACULDADE TEOLÓGICA DO PARANÁ - FATEP

WALTENIR PEREIRA PORTO

O PERDÃO

CRUZEIRO DO OESTE – PARANÁ

17/07/2010

WALTENIR PEREIRA PORTO

O PERDÃO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de integralização de créditos no Curso de Teologia da Faculdade Teológica do Paraná. Orientadora: Professora e Doutora Rosângela Fernandes Cleveston.

CRUZEIRO DO OESTE – PARANÁ

17/07/2010

PRIMEIRA DEDICATÓRIA

*“Opus meum tibi offero Domine Iesum,
Auctorem et consummatorem fidei meum”*

*“O meu trabalho a ti ofereço, ó Senhor Jesus,
Autor e consumidor da minha Fé”*

Umuarama-PR 17/07/2010

Waltenir Pereira Porto

SEGUNDA DEDICATÓRIA

*Dedico este meu primeiro trabalho acadêmico
à minha amada esposa Maria Elizabeth,
presente de Deus para mim e também a eterna
“Delícia dos meus olhos”.*

*Dedico-o, também, às nossas três queridas filhas e genros
Mônica, Samantha (Rodrigo) e Graziella (Elon) e a nossa
amada netinha Heloísa Porto Gutierrez, a querida
“Nenê Nonô”, motivo de constantes Alegrias em minha vida!*



Umuarama-PR, 17 de julho de 2010

Waltenir Pereira Porto

AGRADECIMENTOS

1. A Deus Pai, Filho e Espírito Santo por ter-me dado forças física e mental, além de disposição e saúde, para fazer este Curso de “Convalidação”, aos 65/66 anos de idade;
2. A Igreja Batista Betel de Umuarama, que disponibilizou os meios (recursos de tempo e financeiros), para que eu pudesse fazer este Curso;
3. A minha amada esposa Maria Elizabeth Valvassori Porto “*A delícia dos meus olhos*”, que sempre me incentivou a fazer este Curso, e de quem “furtei” várias horas de agradável convívio!
4. A Faculdade Teológica do Paraná – FATEP, por seu Diretor e Professores, que me possibilitaram a realização deste Curso, graças a dedicação e empenho demonstrados nas excelentes aulas e Simpósios realizados.

SUMÁRIO

RESUMO.....	00
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I.....	02
1. CONCEITUAÇÃO.....	02
1.1 O PERDÃO.....	02
1.1.1 Por que perdoar?.....	05
1.1.2 Que benefícios o Perdão traz para quem perdoa e também é perdoado	06
1.1.3 O Caminho do Perdão: uma abordagem psicológica.....	08
CAPÍTULO II.....	10
2.1 O PERDÃO NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO.....	10
2.1.1 Contextualização Histórica.....	10
2.1.2 O Reconhecimento de que é pecador.....	12
2.1.3 Arrependimento Eficaz.....	12
2.1.4 Confissão do Pecado.....	13
2.1.5 Três Heresias acerca do Perdão.....	14
2.1.6 O ensino de Jesus sobre o Perdão.....	17
2.1.7 O Perdão dado por Deus é completo.....	20
CAPÍTULO III.....	24
3.1 O PERDÃO DE DEUS EM VÁRIOS ENFOQUES BÍBLICOS.....	24
3.1.1 Como chegar ao Perdão.....	30
3.1.2 É possível perdoar quem já morreu?.....	35
3.1.3 Há pecado imperdoável?.....	37

3.1.3.1 Posição Calvinista.....	37
3.1.3.2 Posição Arminiana.....	39
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

O PERDÃO

RESUMO

A Bíblia Sagrada enfatiza em todos os seus 66 Livros, de forma direta ou indireta, a importância do Perdão na vida do ser humano. “Deus é Amor” (I João 4:8) e faz parte do seu caráter ser paciente e misericordioso para com o Homem e seus pecados, procurando conduzi-lo ao arrependimento e confissão, para que possa perdoá-lo e restaurá-lo à plena comunhão. A doutrina do Perdão é fundamental no Cristianismo, pois sem o Perdão não haveria salvação para a humanidade e a obra sacrificial de Cristo perderia a sua finalidade, pois foi na Sua morte e ressurreição, que a Justiça de Deus foi satisfeita, podendo Deus, em Cristo, perdoar todos e quaisquer pecados do Homem, exceto o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo, conforme explicado nesta monografia. Analisou-se o ensino bíblico sobre o Perdão tanto no Antigo como no Novo Testamento. Buscou-se, também, compreender a diferença entre pedir perdão a quem já morreu e orar aos mortos, já que são práticas bem diferentes e tratadas pela Bíblia de forma clara. Por último, buscou-se compreender a importância do Perdão nos relacionamentos cotidianos, posto que, a falta de perdão pode causar na pessoa as doenças chamadas “Psicossomáticas”, ou seja, que afetam o corpo e a psique humana.

PALAVRAS-CHAVE: Arrependimento. Confissão. Perdão. Restauração.

INTRODUÇÃO

Esta Monografia tem como título “O PERDÃO”, e com ela objetiva-se analisar o ensino bíblico sobre tão importante assunto, colhendo-se tais ensinamentos tanto no Antigo como no Novo Testamento. Com o estudo do tema, pretende-se comprovar que, segundo as Sagradas Escrituras, o Perdão é Doutrina fundamental no Cristianismo.

Divide-se esta Monografia em três Capítulos, a saber:

No Capítulo I, aborda-se a conceituação do tema Perdão por variados autores, bem como, abordagens preliminares sobre a temática proposta, que é a de focar o tema sob a luz do Antigo Testamento (que é a Dispensação da Lei), como também do Novo Testamento, (que é a Dispensação da Graça), tendo como objetivo geral, compreender o princípio bíblico do Perdão, englobando as duas Dispensações.

No Capítulo II, discorre-se sobre a contextualização histórica do tema PERDÃO, como é mostrada nos vários textos bíblicos dos dois Testamentos, já que tanto os enfoques como as práticas propostas nas duas Dispensações, são diferentes, não obstante ser uno o objetivo a ser alcançado com a prática do Perdão!

Já no Capítulo III, faz-se uma explanação minuciosa sobre o tema proposto, objetivando-se comprovar, ao final desta Monografia que, (como já foi afirmado acima), segundo os ensinamentos das Escrituras, o Perdão é “Doutrina Fundamental do Cristianismo”.

Realizou-se o presente trabalho acadêmico monográfico, utilizando-se, principalmente, a metodologia bibliográfica, tendo como fonte livros e artigos e percorrendo-se os seguintes passos:

- 1) Levantamento bibliográfico;
- 2) Leitura seletiva;
- 3) Leitura interpretativa;
- 4) Análise do conteúdo; e
- 5) Elaboração da redação textual da Monografia.

CAPÍTULO I

1. CONCEITUAÇÃO

1.1 O PERDÃO.

Nos ensinamentos bíblicos, a palavra “Perdão”, nas formas de substantivo e verbo, aparece 154 vezes no Antigo e Novo Testamento.

Afirma Grider (1990), que sete palavras nas Escrituras, apresentam a ideia do perdão: três em hebraico e quatro em grego.

No Antigo Testamento hebraico as palavras são: *kipper* “cobrir”; *nãsã*, “carregar” – remover [a culpa]; *sãlah*, “perdoar”. *Nãsã* é usada para o perdão divino e para o perdão humano. As outras duas palavras são usadas somente para o perdão divino.

No Novo Testamento grego, as palavras que denotam perdão são: *apolyen*, *charezesthai*, *aphesis* e *paresis*.

Apolyen aparece numerosas vezes no sentido de “mandar embora”, (e.g. uma esposa (Mateus 5.31), mas uma só vez com o significado de perdão (Lucas 6.37)).

Paresis aparece uma só vez em (Romanos 3.25) e sugere “deixar de lado” ou “desconsiderar”.

Charizesthai é usado somente por Lucas (Lucas 7.21; Atos 3.14; etc.) e por Paulo que o usa somente no sentido de “perdoar pecados” (2º Coríntios 2.7; Efésios 4.32; Colossenses 2.13; 3.13, etc.). Expressa especialmente a graciosidade do perdão divino.

Por ultimo, ensina Grider (1990) que, a palavra mais comum no Novo Testamento para “Perdão” é *aphesis*. Este substantivo ocorre quinze vezes, (e.g. Mateus 26.28), e geralmente é traduzido por “remissão” (ARA, ARC) ou “perdão” (BV, BLH). Transmite a ideia de “mandar embora” ou “deixar ir”. O verbo com o mesmo significado é achado cerca de quarenta vezes.

Rubio (2006), assim conceitua o Perdão:

Perdoar não é um gesto de rotina divulgada, não é um costume de cada dia: é antes, flor escondida, original, que floresce cada vez, com base na dor e no domínio de si. Perdoar se torna virtuoso porque nos coloca – inclusive acima de nós mesmos, de nosso primeiro instinto espontâneo vingador - no melhor de nós mesmos. Nossa vida quotidiana testemunha a dificuldade inata de perdoar, tanto em seu sentido ativo de dar ou pedir perdão, como em seu sentido passivo de recebê-lo. Mas a vida de cada dia atesta que, exatamente onde se produz perdão, acontece a felicidade. (Miguel Rubio, *in A Virtude do Perdão*, *apud* Milton Paulo de Lacerda, p.5/6).

Vê-se, claramente, que, perdoar é algo muito difícil, porque o genuíno perdão precisa brotar no íntimo do nosso ser para se trazer, para fora, como disse Rubio acima, “o melhor de nós mesmos”, ou seja, fazer prevalecer por nosso livre arbítrio, aquela “centelha divina” que todos os seres humanos possuem e que possibilita-nos perdoar de todo o coração.

Floristán e Duquoc (2006) conceituam o Perdão como sendo:

Geralmente usamos o vocábulo *perdão* quando obrigados a causar um incômodo involuntário a outra pessoa ou a dizer uma palavra inconveniente ou insolente. Significa, em última análise, uma desculpa condensada. Por outro lado, perdoar significa renunciar voluntariamente a castigar um delito ou uma ofensa ou a cobrar uma dívida. Quanto ao verbo latino *perdonare*, deriva de *donare* (dar). Quem perdoa dá, no sentido de não guardar ressentimento, nem responder do mesmo modo quando recebe uma ofensa. Eis o sentido profundo do perdão. (Floristán Cassiano Duquoc Cristian, *in A Virtude do Perdão*, *apud* Milton Paulo de Lacerda, p.9).

Verifica-se que o conceito acima transcrito, vai ao âmago da questão, pois perdoar significa não somente “... renunciar voluntariamente a castigar um delito ou uma ofensa ou a cobrar uma dívida...”, (o que significa renunciar ao direito que tem o ofendido de revidar ao ofensor com a mesma medida da ofensasofrida), mas principalmente, “perdoar”, no sentido exato de “dar ou *donare*”, ao seu ofensor, altruisticamente, (ou seja, sem esperar receber nada em troca, nem mesmo a merecida gratidão do perdoado), o seu “suposto direito” de revidar a ofensa sofrida, ou, como afirmam os citados autores acima transcritos: “Quem perdoa dá, no sentido de não guardar ressentimento, nem responder do mesmo modo quando recebe uma ofensa. Eis o sentido profundo do perdão”.

Lima (2008), ao conceituar o Perdão afirma que:

“Perdoar é um mandamento bíblico”. A palavra perdão (grego Apoluou) significa “quitar”, “absolver”, “anistiar”, “isentar”, “apagar”, “deixar de lado”. Diante disso, - continua o Professor e Pastor Lima afirmando - o que o perdão não é? Guardar ressentimento, justiça humana; Alojamento de vingança no coração, ou aceitar desculpas; Tolerar pecado, amenizar, ser condescendente.

Após dar os vários significados de uma das palavras gregas usadas para perdão (Apoluou), enfatiza o autor Lima (2008), o que não poderia ser considerado perdão, destacando, dentre outras, que ser condescendente ou amenizar ou ainda tolerar o pecado, são atitudes não de perdão, mas de “não perdão”, posto que, em todas essas hipóteses, o problema da ofensa não foi tratado adequadamente e como é requerido por Deus na Bíblia.

Lima (2008) cita ainda Everett, que escreveu sobre o assunto dizendo:

“O entendimento equivocado do perdão ocorre em muitas variedades. Alguns pensam que perdoaram quando não o fizeram. Ainda abrigam sentimentos de satisfação quando um mal acontece à pessoa que os feriu, ainda que eles próprios não queiram perpetrar o mal. Isto é perdão incompleto. Outros pensam que para perdoar, têm que esquecer e agir como se o ferimento nunca aconteceu. Isto também é incorreto. As ofensas não são esquecidas, mas quando perdoadas elas não deveriam ser retomadas. Outros pensam que somente podem perdoar depois que a pessoa sofreu ou pagou pelo que fez. A vingança, que não é perdão, é que requer que se sofra e faça restituição antes de ser perdoado, porque depois que a reparação foi feita, não há mais nada a perdoar”. (EVERETT Worthington, *in* Casamento, ainda resta uma esperança, ed. SEPAL, p. 165, *apud* Josadak Lima *in* Ressentimento: Em busca do Equilíbrio Emocional. 2008. A. D. Santos Editora, p.15/16).

Verifica-se pelas colocações acima de Everett, que muitos estão equivocados quanto ao ato de perdão que praticaram, pois ficam interiormente felizes quando algo de ruim acontece com seu ofensor, esquecendo-se de que Deus vê o coração (o espírito) de cada um, e sonda todos os pensamentos, e Ele sabe que não houve verdadeiro perdão... Não é de admirar estarem tais pessoas entregues “aos verdugos” (Mateus 18: 34-35), que são “espíritos malignos atormentadores”, no magistral ensino de Jesus sobre o Perdão. Outros acham que perdoar implica em esquecer a ofensa como se nunca tivesse o fato ocorrido, o que não é correto, já que não temos como apagar os fatos, principalmente os ruins, de nossa memória. O que precisamos é não dar mais relevância aquele fato por estar ele resolvido em nossa vida, nem usá-lo novamente, caso ocorra nova ofensa pela mesma pessoa!

Outro aspecto importante ressaltado por Everett acima, é o entendimento ou maneira de pensar do ofendido de que, somente deve perdoar depois que o

ofensor sofreu ou pagou aquela ofensa, através de um dano semelhante impingido por outrem. Isto nada mais é do que desejar e alegrar-se com uma eventual vingança, que pertence exclusivamente a Deus. Esquecendo-se que vingança não é perdão, e que, em ocorrendo a vingança, não mais é necessário o perdão, posto que a dívida já estaria paga!

1.1.1 Por que Perdoar?

Cole (2006), ao abordar o assunto do “Perdão”, afirma categoricamente que: “Perdão é libertação”. E prossegue: “Quando Deus perdoa nossos pecados, nunca mais nos acusa deles. Nunca mais nos lança em rosto. E como é bom saber disso”.

Afirma ainda que: “O ódio amarra o pecado a nós”. Ao se exercitar o “Perdão”, libera-se aquele que pecou ou errou, enquanto que, ao se reter o perdão, o pecado ou erro ficará retido na vida daquele que se recusou a perdoar. Isto é um princípio do Reino de Deus.

As consequências da falta de perdão são várias, a saber:

- 1) Quando não se perdoa o erro ou pecado cometido por alguém e carrega-se aquele erro, a consequência mais imediata é que se acaba repetindo com outros aquele erro ou falha, e isto pode acontecer tanto com pessoas, como com Igrejas ou empresas...
- 2) Cole (2006), menciona o caso verídico ocorrido em Charlotte, no estado de Carolina do Norte, de um homem cujo sócio fugira com o dinheiro da firma, deixando-o com as dívidas. Ao invés de perdoar ao sócio, esse homem deixou-se dominar pelo ódio e rancor e, como consequência, continuou a ter problemas nos negócios. O problema só foi solucionado quando ele se dispôs a perdoar seu antigo sócio.

Hoje ele goza de um sucesso econômico nunca experimentado antes!

1.1.2 Que benefícios o Perdão traz para quem perdoa e também é perdoado?

Como foi dito acima: “Perdão é libertação”. Com a outorga do perdão de todo o coração, experimenta-se uma libertação de um “fardo” que era difícil suportar; e o que recebe o perdão do seu erro ou pecado, também experimenta uma libertação ainda maior, pela alegria de ser perdoado e, muitas vezes, conseguir restabelecer relacionamentos rompidos que lhe são preciosos.

Uma terrível consequência da falta do perdão, num primeiro momento, e bem assim, da felicidade de ser perdoado por Deus, num segundo momento, levou o Rei Davi a escrever, por inspiração do Espírito Santo no Salmo 32, versículos de 1 a 5, palavras de uma perspectiva assustadoras e também de vitória final.

Este Salmo enfoca os terríveis pecados do Rei Davi de adultério com Bate-Seba, e o subsequente assassinato do marido dela (Urias), como também o seu perdão por Deus, após uma ferrenha luta interior! Assim se expressa o salmista Davi:

Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, e cujo pecado é coberto. Bem-aventurado é o homem a quem o Senhor não atribui iniquidade, e em cujo espírito não há dolo. Enquanto guardei silêncio, consumiram-se os meus ossos pelo meu bramido durante o dia todo. Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; o meu humor se tornou em sequidão de estio. Confessei-te o meu pecado, e a minha iniquidade não encobri. Disse eu: confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e Tu perdoaste a culpa do meu pecado. Pelo que, todo aquele que é piedoso ore a Ti, a tempo de te poder achar; no transbordar de muitas águas, estas a ele não chegarão. (ALMEIDA, Versão Revisada, 1967, p.607).

Tem-se aqui a base bíblica para as chamadas “doenças psicossomáticas”, quando o peso da culpa do pecado ou erro não confessado e/ou não perdoado, adoecem a mente e o corpo... Muitas vidas já foram ceifadas, através do suicídio, por causa da culpa do pecado ou do erro, que deixou de ser tratado com base no Perdão!

Por mais difícil que seja a prática do Perdão, somente por ele é possível o reequilíbrio físico, emocional e espiritual do ser humano, tendo como corolário a cura de eventuais doenças psicossomáticas, que vem se constituindo em uma verdadeira epidemia mundial, podendo-se citar a “Depressão”, que tem atingidos milhões de pessoas em toda a terra, independentemente de: classes sociais, pois atingem tanto os pobres, como os remediados e ricos; do grau de instrução, acometendo desde analfabetos até os com pós-doutorado; como também, os que lideram e os que são liderados, etc., já que talvez a palavra mais pronunciada na face da terra e que denota insegurança que gera depressão, é a palavra “crise”.

Doenças como as chamadas “Alta Ansiedade” e “Síndrome do Pânico”, eram inteiramente desconhecidas há até bem pouco tempo atrás. As pessoas, em todos os lugares, vivem ansiosas e com medo, o que gera a já mundialmente conhecida e aceita enfermidade psicossomática chamada “Stress”... Palavra que já se incorporou em todas as línguas, posto ser um fenômeno mundial...

Muitas vezes – mas não sempre -, na raiz de tais doenças psicossomáticas, está a falta de Perdão do ofendido, sendo desconhecido, infelizmente, para a maioria dos terapeutas que atuam nas áreas da Psicologia e Psiquiatria, que demônios que instigam o ódio nos corações, quase sempre estão por detrás de sentimentos e atitudes implacáveis das pessoas ofendidas, especialmente em se tratando de “traição conjugal”.

As Ciências Médicas vem pesquisando e afirmando, principalmente nas áreas da Psicologia e Psiquiatria que, as “doenças psicossomáticas” têm sua base de cura no Perdoar e ser Perdoado, tendo-se, às vezes, que chegar-se até mesmo ao ponto de perdoar-se a si próprio!

1.1.3 O Caminho do Perdão: uma abordagem psicológica

Sabe-se ser impossível não reagir diante dos imprevistos e problemas da vida. Reage-se de forma espontânea e imprevisível, pois até mesmo quando se fica parado, imóvel, perplexo, esta é também uma forma de reagir!

O filósofo francês Jean Paul Sartre disse certa vez que: “o que mais importa não é o que fizeram conosco, mas, sim, o que nós fazemos com aquilo que conosco fizeram”. Essas assertivas remetem-nos para as nossas escolhas que, lamentavelmente, quase sempre não coincidem com as nossas reações, pois as reações são escolhas impulsivas do momento vivenciado, enquanto as condutas são escolhas reiteradas e reafirmadas que fazemos.

Neste caminho de tratamento da ofensa sofrida, existe duas “Espirais”, a saber: a “Descendente” e a “Ascendente”, e pode-se tomar, de imediato, uma delas... Quando não se consegue conter-se e se lança no caminho da amargura e do ressentimento, toma-se a espiral descendente. Vai-se dando volta e voltas até chegar-se ao fundo do poço. Cada vez que se remói aquela experiência ou a conta para alguém ou mesmo dela se lembra sozinho, desce-se um pouco mais nessa espiral... À medida que se desce a dor e a mágoa vão aumentando; aquela dor incomoda e faz sofrer, até que, para sobreviver, começa-se a empurrar a lembrança da dor para o “fundo”, buscando-se “esquecer”, o que vale dizer, passa-se para o nível do “subconsciente”... Entretanto, aquelas questões não foram resolvidas e vão, necessariamente, influenciar ou determinar as ações ou reações do ofendido, que passa a viver sob o comando da mágoa, sem disso estar consciente.

Quando se decide a liberar o perdão, acessa-se a “Espiral Ascendente” e começa-se a subir. A mágoa e a dor vão diminuindo, na medida em que se vai subindo na espiral. Depois que se perdoou uma vez, pode acontecer de voltar a mesma dor ou amargura, mormente quando terceiros mencionam fatos semelhantes... Entretanto, por ter liberado o perdão de todo o coração, a dor e amargura já estarão cada vez mais enfraquecidas e, com o passar do tempo e mediante a graça de Deus, aquela dor deixará de existir, porque a “infecção e o pus” que contaminavam a “ferida” secaram e, conseqüentemente, a ferida fechou e cicatrizou, restando apenas uma cicatriz indolor!

Na verdade o Perdão é um milagre que, sem Deus, seria praticamente impossível, pois Deus, através do Seu Espírito Santo, ajuda-nos a realizar o milagre do perdão. Através da obediência, Deus encontra os meios legítimos de fazer com que nossas vontades, pensamentos, emoções e intenções, sejam curadas e transformadas. A decisão de perdoar é nossa; o milagre de produzir o perdão pleno e cura da ferida é de Deus. Subir a montanha do Perdão é muito trabalhoso e cansativo, mas uma vez atingido o topo, a recompensa é de liberdade e beleza, além de paz interior e tranquilidade permanente.

CAPÍTULO II

2.1. O PERDÃO NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

2.1.1 Contextualização Histórica.

O bem elaborado sistema de sacrifícios do Antigo Testamento estava diretamente vinculado à ideia de expiação e, conseqüentemente, de Perdão.

Apesar de certos versículos do Novo Testamento, como Romanos 3:25, darem a entender que o perdão divino no Antigo Testamento, estava condicionado ao futuro ministério de Cristo, não há que duvidar que os antigos israelitas, nos dias do Antigo Testamento, pensavam que seus sacrifícios eram eficientes para o perdão de seus pecados, mediante a expiação com o sangue dos animais oferecidos em sacrifícios.

Oferecido o sacrifício, em estrita observância aos rituais estabelecidos na lei mosaica, as ofensas são tidas como perdoadas e o Perdão é encarado como um ato da graça divina, o qual deveria ser recebido com

profunda gratidão pelo pecador. O pecado merece ser punido, e o Perdão é uma medida da graça e da misericórdia de Deus.

O recebimento do Perdão divino deveria criar um senso de temor a Deus muito forte no coração dos homens. Para evidenciar isto basta refletir sobre o seguinte texto, além de outros:

O Senhor não lhe quererá perdoar, pelo contrário, fumegará contra esse homem a ira do Senhor, e o seu zelo, e toda a maldição escrita neste livro pousará sobre ele, e o Senhor lhe apagará o nome de debaixo do céu. Deuteronômio 29:20 (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p. 237).

Vê-se, pelo texto acima, que o Perdão dos pecados por Deus, era questão de vida ou morte para os Israelitas, pois fazia parte de um “Pacto de Deus para com o Seu Povo Israel”, no qual se exigia obediência irrestrita dos homens aos mandamentos de Deus, com graves consequências para os infratores.

No Salmo 130, os versos 3 e 4 evidenciam a necessidade do Perdão e o temor devido a Deus dizendo: “Se tu, Senhor, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirá? Mas contigo está o perdão para que sejas temido”.

Verifica-se, claramente, por estes versículos, a singular importância do Perdão, que gera sempre um temor respeitoso a Deus, pois sem ele, as iniquidades subsistirão e o resultado final será a condenação eterna do pecador.

Como poderei perdoar-te? Pois os teus filhos me abandonaram a mim, e juraram pelos que não são deuses; quando eu os tinha fartado, adulteraram, e em casas de meretrizes se ajuntaram em bandos. Jeremias 5:7 (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p. 790).

Foi, na verdade, por ordem do Senhor que isto veio sobre Judá para removê-lo de diante da sua face, por causa de todos os pecados cometidos por Manassés, bem como, por causa do sangue inocente que ele derramou; pois encheu Jerusalém de sangue inocente; e por isso o Senhor não quis perdoar. II Reis 24: 3 e 4. (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p. 443).

Constata-se pelo texto de Jeremias acima transcrito, que Deus faz uma estranha pergunta “Como poderei perdoar-te?”, e no texto seguinte o escritor sacro faz uma afirmação contundente e terrível “... e por isso o Senhor não quis perdoar”.

Denota-se, pela pergunta feita em forma retórica, que Deus queria perdoar o Seu povo, mas não podia fazê-lo, porque eles não se arrependiam de seus pecados, visto que continuavam a praticá-los e, por não haver sincero arrependimento, não os abandonavam... Já no texto seguinte a situação se inverte, pois Deus não se dispôs mais a perdoar o pecado do Seu povo, e resolveu executar Seus duros juízos, por causa do sangue inocente derramado no longo reinado do ímpio rei Manassés. Em ambas as situações descritas, o Perdão tornou-se imprescindível, todavia não foi alcançado, porque para se obtê-lo existem condições que devem ser adremente satisfeitas, as quais passamos a destacar, sendo a primeira delas:

2.1.2 O Reconhecimento de que é pecador.

Para ser perdoado por Deus, é imprescindível reconhecer-se pecador e que já está condenado à perdição eterna. O ser humano nunca será perdoado sem que atenda esta primeira condição que, em último caso, significa “sentir o peso do seu pecado” e buscar o perdão de Deus.

Denota-se pelas palavras de Jesus em João 16: 8 e 9, que esta é uma obra exclusiva do Espírito Santo, pois somente Ele pode convencer o ser humano “do pecado”, para que possa dar o passo seguinte...

Se o homem não se deixar convencer do seu pecado ou da sua natureza caída e inclinada ao mal, ele continuará espiritualmente “... morto em seus delitos e pecados...” (Efésios 2:1) e, de consequência, nunca nascerá de novo e, finalmente, será lançado no “... lago de fogo”, depois de passar pelo julgamento final do “... grande trono branco...”, conforme descrito em Apocalipse 20: 11 a 15. A segunda condição é:

2.1.3 Arrependimento Eficaz.

A palavra grega para arrependimento é “*metanóia*” que, literalmente significa “mudança de mente” ou “mudança de rumo ou direção”. Tem-se, pois, como imprescindível que ocorra no pecador uma mudança na maneira de pensar ou de ver o seu pecado, como também de agir, para que ocorra, ao

mesmo tempo, uma mudança de direção em sua vida, no sentido de ir ao encontro de Deus com arrependimento sincero, buscando o Seu Perdão e Sua restauração, e abandonando, definitivamente o estilo de vida que levava anteriormente.

Sem o arrependimento eficaz não haverá perdão de pecado, mas como afirma as Escrituras: "... sobre ele permanece a ira de Deus"(João 3:36).

O terceiro passo para se obter o perdão de Deus, é um dos mais importantes e talvez o mais difícil de dar, que é o da confissão.

2.1.4 Confissão do Pecado.

Em I João 1:9 está escrito: "Se confessarmos os nossos pecados, ele [Jesus] é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça".

Sabe-se que há mais de três mil anos atrás, o salmista Rei Davi passou por essas três etapas e foi inspirado pelo Espírito Santo a escrever o Salmo 32, onde nos versículos 3 a 6 exclamou:

Enquanto guardei silêncio, consumiram-se os meus ossos pelo meu bramido durante o dia todo. Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; o meu humor se tornou em sequeidão de estio. Confessei-te o meu pecado, e a minha iniquidade não encobri. Disse eu: Confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a culpa do meu pecado. Pelo que todo aquele que é piedoso ore a ti, a tempo de te poder achar... (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p. 607.

Tem-se por certo que, na origem do texto acima, está o terrível e duplo pecado do Rei Davi, o qual, além de adulterar com a mulher de um dos seus oficiais (Urias), e assassiná-lo de forma tão insidiosa, ainda tentou ocultar o fato, disfarçando a sua morte em batalha, o que muito irritou a Deus, que pesou Sua mão sobre Davi e sua família. O resultado da confrontação que Ihe fez o profeta Natã, a mando de Deus, é que resultou no texto acima descrito, que tem sido usado para libertação de muitos, através da cura mediante o Perdão.

Somente Deus tem a prerrogativa de perdoar aos homens seus pecados, consoante se constata, claramente, pelas palavras de Moisés em Deuteronômio 9:18-19, que diz:

Prostrei-me perante o Senhor, como antes, quarenta dias e quarenta noites; não comi pão, nem bebi água, por causa de todo o vosso pecado que havíeis cometido, fazendo o que era mau aos olhos do Senhor, para o provocar à ira. Porque temi por causa da ira e do furor com que o Senhor estava irado contra vós para vos destruir; porém ainda essa vez o Senhor me ouviu. (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p. 214).

A única maneira como o homem pode perdoar pecados é indiretamente, já que, mediante a pregação do Evangelho, os que aceitarem a mensagem Cristã serão perdoados por Deus e, conforme afirmou o Senhor Jesus em João 20:23, poderão liberar seu perdão, no tocante a ofensas por eles sofridas, tanto para justos como para ímpios, validamente...

Convém lembrar, entretanto, que o perdão liberado por um ímpio a outro, em nada alterará a situação de ambos, pois permanecerão condenados se não nascerem de novo. É dessa maneira que se deve entender o difícil texto acima mencionado de João 20:23.

Ressalte-se que os Apóstolos nunca perdoaram pessoalmente pecados de outrem, a não ser alguma ofensa pessoal contra eles, como qualquer crente pode fazer. No caso de pecados contra o Senhor, eles deixaram o caso nas mãos de Deus, consoante se vê, claramente, em Atos 8:22 que diz: “Arrepende-te, pois, da tua maldade, e roga ao Senhor, talvez que te seja perdoado o intento do coração”.

2.1.5 Três Heresias acerca do Perdão

Nem todos concordam com o ensino de que o Perdão de Deus somente pode ser obtido por meio da fé em Cristo. Alguns afirmam que o perdão de Deus não pode ser alcançado se não houver um arrependimento emocional. Outros dizem que o batismo é uma condição necessária, e outros ainda colocam as

boas obras como exigência para o perdão... Vejamos o que a Bíblia diz sobre tais condições.

- a) Arrependimento emocional. Alguns cristãos sugerem que não preenchemos os requisitos para o perdão, até passamos por um período de lágrimas, oração fervorosa e profunda tristeza pelo nosso pecado. É verdade que o Novo Testamento chama o pecador ao arrependimento (Mateus 3:2; Atos 2:38; 20:21), mas não é um arrependimento que possa ser medido pela quantidade de lágrimas derramadas ou pela intensidade das emoções manifestadas! Ao contrário, é algo que já ocorreu quando depositamos nossa fé em Cristo. Como já vimos, a palavra grega para “arrependimento” é o mesmo que “uma mudança de mente”. Arrependemo-nos quando mudamos nossas crenças acerca de Deus e de nós mesmos. Em vez de continuarmos a nos vermos como aceitáveis a Deus por méritos próprios, começamos a compreender que não temos mérito algum válido diante de Deus, e a entender que realmente necessitamos do seu perdão. Se tivermos uma profunda convicção da santidade de Deus, poderemos sentir profunda tristeza pelas coisas erradas (pecados) que fizemos contra Deus e o nosso próximo. Quando pensamos na intensidade e maneira como Cristo sofreu em nosso lugar, podemos acabar em lágrimas... Todavia, a essência do arrependimento é a mudança da mente e das crenças com relação ao pecado e a nossa necessidade de Cristo em nossa vida, e não de intensos sentimentos ligados ao pecado. Se reconhecermos que o nosso pecado é contra Deus e nos voltarmos em fé para Jesus Cristo, teremos feito tudo o que necessário para obtermos o Seu perdão. Dependendo do temperamento de cada um, isto poderá ser ou não acompanhado de uma profunda explosão emocional. A transformação da mente é essencial; as lágrimas amargas e a profunda tristeza, não.
- b) Batismo. Afirma-se que não podemos ser perdoados por Deus a não ser que sejamos batizados da maneira certa e pelas pessoas

certas. Mas a Bíblia deixa claro que o batismo é uma evidência exterior da salvação e não um requisito para a mesma. Aqueles que insistem no batismo, como parte da salvação, geralmente citam Atos 2:38 “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados”. E dizem que se não somos “batizados [...] para remissão dos pecados”, nós não podemos ser perdoados. Observe-se a palavra chave *arrepender*. Para nós, a condição básica é concordar com Deus que o nosso pecado é uma violação da Sua lei moral e nos voltarmos para Jesus Cristo, aceitando o Seu sacrifício em nosso lugar, realizado na cruz do Calvário. Aliás, a preposição “para” na frase “para remissão dos vossos pecados”, não significa “a fim de (serdes perdoados)”. O seu significado fundamental é “em vista de” ou “em relação à”. Quando Jesus disse que as pessoas de Nínive “se arrependeram com a pregação de Jonas” (Lucas 11:32), ele estava dizendo que elas se arrependeram “em vista de” ou “em relação à” mensagem pregada por Jonas. Assim, em Atos 2, Pedro estava dizendo aos homens de Jerusalém para se arrependerem e se batizarem “em vista à” remissão dos pecados. O batismo deles seria uma evidência exterior de seu arrependimento e perdão, mas não uma condição para obtê-los. Os fatores enumerados a seguir, mostram que o batismo em água não é essencial à Salvação. 1) Abraão foi perdoado antes de ser circuncidado, à parte de qualquer rito ou cerimônia (Romanos 4:9-10); 2) Jesus declarou que as pessoas estavam perdoados, antes de serem batizadas (Mateus 9:1-7; Lucas 7:36-50; 18:9-14; 19:1-9; João 8:1-12). 3) Cornélio e sua família receberam o Espírito Santo antes do batismo (Atos 10:44-48). 4) A Bíblia mostra que o perdão e salvação são recebidos por fé (João 3:16; Romanos 5:1; 10:1-13; Efésios 2:10). À luz destes fatores, o batismo deve ser visto como um ato externo, por meio do qual nos identificamos publicamente com Cristo e Sua Igreja. Não é um requisito para a Salvação.

- c) Boas Obras. Pergunta-se frequentemente: “E quanto as obras? Não seria injusto Deus perdoar somente com base na fé? Tiago não afirmou que a fé sem obras é morta?”. Sem dúvida, as boas obras são importantes para todo o cristão, pois a Bíblia diz que devemos praticar boas obras. Mas as boas ações não são uma condição essencial para se receber o perdão (ver Romanos 3:26-27). Efésios 2:8-10 mostra que as boas obras ao invés de ser uma condição para o perdão, são elas o fruto e a evidência de uma vida já perdoada. Aqueles que são salvos pela fé, tornam-se “feituuras dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras” (v.10). Mas o que dizer da afirmação de Tiago de que “a fé, se não tiver obras, por si só está morta”? Na verdade Tiago está afirmando que a fé genuína produz boas obras. Atitudes cristãs corretas e genuínas nos permitem ser justificados ou declarados justos aos olhos daqueles que nos rodeiam, e é uma maneira de provarmos a nossa fé verdadeira (Tiago 2:14-26). Nossas boas obras não são o fundamento do nosso Perdão, mas sua consequência natural. Para tanto, basta ler e meditar em Romanos 3:26-27 que diz:

Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. Onde está logo a jactância? Foi excluída. Por que lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé. (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p.191 do NT).

Vê-se claramente que, a justificação ou Salvação pelas obras (da lei) não mais se aplica desde o estabelecimento da Nova Aliança no sangue de Cristo, vigorando, nesta “Dispensação da Graça”, exclusivamente a Salvação pela fé em Cristo Jesus.

2.1.6 O ensino de Jesus sobre o Perdão

Jesus ensinou aos seus discípulos sobre o Perdão em várias ocasiões, como por exemplo, na chamada “Oração do Pai Nosso”, além de outras passagens

bíblicas. Entretanto, no texto registrado em Mateus 18: 15-35, Jesus vai mais fundo no tema quando disse:

Ora, se teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, terás ganho teu irmão; mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada. Se recusar ouvi-los, dize-o à igreja; e, se também recusar ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo: Tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu; e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu. Ainda vos digo mais: Se dois de vós na terra concordarem acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. Pois onde se acham dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles. Então Pedro, aproximando-se dele, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu hei de perdoar? Até sete? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete; mas até setenta vezes sete. Por isso o reino dos céus é comparado a um rei que quis tomar contas a seus servos; e, tendo começado a tomá-las, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos; mas não tendo ele com que pagar, ordenou seu senhor que fossem vendidos, ele, sua mulher, seus filhos, e tudo o que tinha, e que se pagasse a dívida. Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, tem paciência comigo, que tudo te pagarei. O senhor daquele servo, pois, movido de compaixão, soltou-o, e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem denários; e, segurando-o, o sufocava, dizendo: Paga o que me deves.

Então o seu companheiro, caindo-lhe aos pés, rogava-lhe, dizendo: Tem paciência comigo, que te pagarei. Ele, porém, não quis; antes foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. Vendo, pois, os seus conservos o que acontecera, contristaram-se grandemente, e foram revelar tudo isso ao seu senhor. Então o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste; não devias tu também ter compaixão do teu companheiro, assim como eu tive compaixão de ti? E, indignado, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia. Assim vos fará meu Pai celestial, se de coração não perdoardes, cada um a seu irmão. (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p.27 do NT).

Tem-se neste maravilhoso e profundo ensino do Senhor Jesus sobre o perdão, várias verdades que precisam ser observadas pelos verdadeiros Cristãos na prática do Perdão. A primeira prática é que o ofendido, e não o ofensor, é que deve ter a iniciativa de procurar resolver a ofensa: “se o teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, terás ganho teu irmão...”. Poderá acontecer que o ofensor não reconheça a ofensa ou não queira tratar do assunto. Então a orientação é que testemunhas estejam presentes para testemunharem aquele fato, para depois poderem testemunhar diante da Igreja ou Comunidade, para que esta possa excluir o impenitente da comunhão do Corpo de Cristo que é a Igreja.

Como todo o contexto é referente ao Perdão, Jesus deixa claro no verso 18 as consequências espirituais da falta de arrependimento dizendo: “Em verdade vos digo: Tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu; e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu”. Assim, fica claro que o céu respalda as decisões tomadas na terra, ou seja, se houver concerto e perdão,

isto será aceito por Deus, mas se houver endurecimento de coração e falta de arrependimento e pedido de perdão do ofensor, isto será também anotado no céu, já que se dois concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, Jesus disse que “isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus”.

Segue-se, então, a famosa pergunta do apóstolo Pedro acerca de quantas vezes ao dia dever-se-ia perdoar a mesma pessoa que pecasse contra outrem... E ele mesmo, magnanimamente, sugere sete vezes ao dia, já que os Rabinos da época ensinavam que em tais circunstâncias, o perdão iria até três vezes! A resposta de Jesus deve ter deixados a todos estupefatos, especialmente a Pedro, já que ao colocar as coisas em termos de números como faziam os Rabinos e fizera Pedro, Jesus fala em quatrocentos e noventa vezes ao dia, ou seja, quantas vezes se fizessem necessário perdoar!

Visando ilustrar a seriedade do seu ensino, Jesus conta a famosa parábola do “Credor Incompassivo”, onde ressalta primeiro a dívida de um homem (metaforicamente a Humanidade), que devia ao seu Senhor (metaforicamente Deus), uma soma impossível de ser paga, ou seja, dez mil talentos, lembrando que um talento (de prata) valia o equivalente a seis mil dracmas ou seis mil denários (que correspondia a um dia de trabalho de um homem no campo). Não tendo como pagar e em razão das suas súplicas, seu Senhor o perdoou completamente. Saindo dali encontrou um devedor seu (metaforicamente seu próximo), que lhe devia cem denários (correspondente a cem dias de trabalho, portanto, uma dívida perfeitamente pagável), entretanto, o credor não quis esperar e o encerrou na prisão até que pagasse toda a dívida... O fato chegou ao conhecimento daquele Senhor que perdoara seu antigo devedor que agora agia de forma implacável... O resultado final dessa parábola é que Jesus queria ensinar-nos que, não seremos absolutamente perdoados por Deus se, de coração, não perdoarmos cada um aos nossos ofensores!

Verifica-se, pois, por este ensino, a importância para todos os cristãos nascidos de novo, da prática do perdão diariamente ou sempre que se fizer necessário, pois sem ele (o Perdão) seremos excluídos definitivamente do reino de Deus e iremos para a perdição eterna, sendo que o texto deixa claro que, por retermos o perdão, seremos, desde já, entregues aos “atormentadores” ou “verdugos” (v.

34), o que equivale dizer, sermos entregues aos “demônios atormentadores” ainda aqui na terra, passando-se a viver com a “culpa”, e o “ódio” em nossos corações, além de outros sentimentos destrutivos.

2.1.7 O Perdão dado por Deus é completo.

O perdão divino está alicerçado sobre a misericórdia, a bondade e a veracidade de Deus (Êxodo 36:6 em diante). O perdão torna-se impossível se Deus não se mostrar gracioso. E essa graciousidade divina, como é óbvio, manifesta-se exclusivamente através de Cristo e de Sua Palavra.

Ele afasta de nós os nossos pecados tanto quanto o Oriente dista do Ocidente (Salmo 103:12). Ele lança para trás das suas costas as nossas transgressões, sem mais considerá-las (Isaías 38:17). Ele apaga as transgressões dos perdoados (Isaías 43:25; Salmo 51:1,9), e nunca mais relembra os seu pecados (Miquéias 7:19).

Deus é também absoluto no perdão, pois quando perdoa, perdoado está para sempre aquele pecado! Deve-se notar, pelos textos citados que, quando Deus perdoa o pecado ou ofensa, Ele o esquece totalmente.

Entretanto não é assim com o homem que, ainda que perdoe de todo o seu coração, ele não tem condições de apagar aquele fato da sua memória, e vez ou outra, aquilo pode voltar à sua mente...

Entrementes, o fato já não terá mais a relevância que antes tinha e, quando mais o tempo passa, mais insignificante fica aquela ofensa... Mas somente na eternidade é que Deus apagará das mentes dos salvos aquelas marcas de Satanás, posto que Ele enxugará dos rostos deles todas as lágrimas!

No Novo Testamento o pecador é perdoado e, por sua vez, deve perdoar aos que o ofendem (Lucas 6: 37). Entretanto, isto cria um problema

teológico para alguns, pois Jesus Cristo ensinou, claramente, que o perdão divino depende (como uma condição possível), de perdoarmos aos nossos ofensores. (Lucas 6:37; Mateus 6:12-15; 18:15-35). Assim, temos três posicionamentos dos teólogos expostos por Champlin (1995), sobre o assunto e que são:

a) *A Declaração de Cristo é Absoluta.*

Sem importar se no regime da lei ou no regime da graça, o perdão sempre foi dado àqueles que estiverem dispostos a tratar seus semelhantes, conforme Deus trata com eles. *Sem dúvida era assim que Jesus pensava... De outra sorte, como poderia ter Ele falado como falou?* Porventura, não tinha ele consciência de que uma nova Dispensação religiosa estava começando, e que o nosso “Período da Graça” haveria de modificar isso? Ou Ele exprimiu uma lei moral fixa?

b) *A Declaração de Cristo é Legalista.*

Os eruditos dispensacionalistas supõem que essa declaração refletia uma verdade antes da cruz, mas que, depois da mesma, o perdão é dado gratuitamente, através da graça de Deus, inteiramente à parte de quaisquer condições humanas, exceto o arrependimento e a fé, que é a resposta favorável do homem à mensagem divina.

c) *A Declaração de Cristo Precisa ser Condicionada.*

O indivíduo perdoado, em face de ser um homem que foi regenerado e transformado pelo poder de Deus, mui naturalmente dispor-se-á a perdoar seus ofensores. No caso dele não se dispor a isso, então será duvidoso se ele foi realmente regenerado. Em outras palavras, o perdão estendido a outros é um *resultado*, e não uma causa do perdão que recebemos da parte de Deus.

Não obstante os argumentos expendidos nas alíneas “b” e “c” serem interessantes, não são eles corretos, posto que Jesus foi contundente ao condicionar o recebimento do perdão de Deus, a liberação primeiro, da parte do homem, do perdão ao seus ofensores, outorgado de todo o coração. Portanto o ensino de Cristo neste ponto é Absoluto!

Damasceno (2009) relata em seu livro a experiência pela qual passou a mundialmente conhecida escritora e conferencista cristã Corrie Ten Boon, que escreveu os livros “O Refúgio Secreto” e “Andarilha para o Senhor”, relatando uma incrível história vivida por ela no século passado, e que bem ilustra o ensino bíblico sobre o Perdão. Diz ele:

Sua família, sendo holandesa, durante a guerra protegeu alguns judeus arranjando um canto da casa, que tinha uma passagem secreta, onde escondia judeus fugitivos dos alemães e dali os encaminhava, por meio da resistência holandesa, para fora do país. A Alemanha então dominava a Holanda. Os alemães descobriram tudo e prenderam a família dela. O pai, a irmã e ela foram para o campo de concentração. O pai morreu em poucos dias, ela e a irmã passaram

alguns anos no campo de concentração de Auschwitz e lá a irmã também morreu. Depois que a guerra terminou, Corrie saiu de lá, e foi para os Estados Unidos. Na América começou a pregar e a falar do Senhor. Pouco tempo depois Deus deu a ela um chamado para volta à Alemanha e pregar nas Igrejas daquele país. Ninguém queria ir para a Alemanha naqueles tempos depois da guerra; mesmo assim, com o país arrasado, ela foi em nome do Senhor para levar a mensagem do evangelho. Deus a abençoou, ela pregava sobre o perdão, a graça de Deus, a mensagem de Cristo na sua morte e ressurreição. Um dia ela estava terminando uma pregação sobre o perdão, e um homem no fundo da Igreja levantou-se e veio em direção dela. Este homem não a reconheceu, porque ela não havia dado o seu testemunho pessoal, mas ela o reconheceu. Ele tinha sido um dos oficiais nazistas do campo de concentração, onde ela havia estado presa durante anos, e onde sua irmã havia morrido. Nesses poucos segundos em que esse homem se dirigia para ela, houve uma “atualização da dívida”. Toda a angústia, dor, perda, raiva, ódio, amargura da morte do pai, da irmã, as lembranças dos sofrimentos tremendos de anos naquela privação no campo de concentração, tudo veio à tona. Aquelas cenas emergiram como uma poderosa bomba, um vulcão em erupção, e o homem, caminhando em sua direção, vinha falar com ela, ao mesmo tempo em que a consciência dela explodia com a Palavra de Deus, com o que ela havia acabado de pregar; era uma verdadeira guerra dentro do seu coração. Em poucos segundos uma verdadeira guerra civil instalou-se em seu interior; por um lado a sua vontade, a sua emoção e as suas lembranças, e por outro lado a sua consciência a Palavra de Deus. Naquele momento o que ela mais queria era sair dali imediatamente, sentia forte impulso de sair pela porta dos fundos, sumir e não mais ver aquele homem. No entanto, ele continuava vindo para falar com ela. Deus a colocou em prova; o homem chegou perto, ela resolveu não fugir, pois se o fizesse naquele momento, teria que fugir para o resto de sua vida. Ele estendeu a mão, ela também estendeu a mão para ele. Ela conta que na hora que pegou na mão dele, desceu sobre ela “dez mil volts” de graça, de poder, de bênção e de mover do Espírito. Ela chorou profundamente e perdoou aquele homem. O perdão “aconteceu” no momento em que ela escolheu estender a mão. O livre arbítrio foi movido na direção do que a Palavra de Deus ordena, ela fez a parte dela e Deus fez a dele. (DAMASCENO, Fábio. A Psicologia do Cristão. 2009. IFC, Ed. 11ª, p.59/60).

Essa difícil e também maravilhosa experiência pela qual passou Corrie Ten Boon, bem demonstra que o perdão dado aos nossos ofensores, por maiores que tenham sido as ofensas, é totalmente libertador e restaurador, tanto para quem o libera como para quem o recebe.

Considerando-se que Hebreus 9:22b diz que: “... e sem derramamento de sangue não há remissão [perdão] de pecados”, conclui-se que a outorga do Perdão no Antigo e Novo Testamento guardam similitudes, mas na essência são diferentes, pois o sacrifício feito pelo “Cordeiro de Deus que ‘tira’ o pecado do mundo” – o Senhor Jesus Cristo –, realizado uma única vez por todos os homens, inaugurou a “Dispensação da Graça”, na qual, tudo o que o Homem precisa fazer é aceitar, pela fé, tal sacrifício feito em seu lugar, pessoalmente, e viver uma vida de obediência à Sua Palavra, para herdar uma eterna Salvação. Enquanto na “Dispensação da Lei” era mister oferecer sempre sacrifícios de animais, pois o sangue deles apenas podiam “cobrir o pecado”, mas nunca “tirar ou remover” o pecado, razão porque a “Dispensação da Graça” é superior e muito mais abrangente do que a “Dispensação da Lei”

CAPÍTULO III

3.1 O PERDÃO DE DEUS EM VÁRIOS ENFOQUES BÍBLICOS

Falam as Escrituras variegadas vezes do Perdão de Deus e sempre no condicional, ou seja, para sermos por Ele perdoados, necessitamos estar prontos a perdoar os nossos ofensores! Na conhecida “Oração do Pai Nosso”, (Mateus 6:9-13), o único ponto destacado e comentado por Jesus, foi este, nos versos 14 e 15. “Porque, se perdoardes aos homens suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai perdoará vossas ofensas”.

De Haan II (1993), ao tratar do tema “O Perdão de Deus”, faz as seguintes colocações:

Como podemos saber que não fomos longe demais? Como podemos estar certos de que não nos tornamos imperdoáveis aos olhos de Deus? A resposta não se encontra em nossa capacidade de esquecermos ou em nossa capacidade de perdoarmos a nós mesmos, ou mesmo em nossa capacidade de nos sentirmos perdoados. A resposta se encontra no que Deus fez para carregar a dor e o castigo que nós merecemos. (De Haan II, O Perdão de Deus. p.1).

Sabe-se perfeitamente o que Deus fez para que tivéssemos perdão! Jesus veio e pagou nossa dívida eterna (que foi cravada na cruz, conforme Colossenses 2: 14), ao morrer a nossa morte, (que é espiritual), para que tivéssemos direito à vida eterna, consoante esplendidas revelações de Jesus em João 3: 16-18.

Cientistas afirmam que, as cataratas do rio Iguaçu, localizadas na fronteira do Brasil com a Argentina, tem uma queda média de 60 metros, com enorme volume de água e forte correnteza. Entretanto, não são as maiores do mundo, pois as cataratas do lago “Vitória”, na África, têm quase o dobro, ou seja, 108 metros de altura!

Não obstante esta espantosa altura, quando ambas são comparadas com as cataratas do Anjo, na Venezuela, elas parecem minúsculas, já que, com a

altura de 979 metros, as cataratas do Anjo são quase 17 vezes mais altas do que as do rio Iguaçu.

Imagine-se alguém sendo arrastado pela correnteza das cataratas do Anjo, Vitória ou Iguaçu. A diferença de tamanho que existe entre essas cataratas, não teria a menor importância para ele. Haveria um ponto, além do qual não se poderia regressar, posto que, além deste ponto, há apenas a necessidade da misericórdia de Deus.

A história do fracasso moral do ser humano é muito semelhante. Uma queda moral pode parecer maior que a outra, mas para alguém sendo arrastado pelas águas do fracasso, há pouca ou nenhuma diferença. Uma vez que se deixa a margem e se é arrastado pelas águas do pecado e da culpa, tudo o que resta é a necessidade de misericórdia. Sem a certeza do perdão a vida pode terminar em desespero!

Existe esperança para aqueles que odeiam a si mesmos pelo que fizeram? Até que ponto Deus demonstrará misericórdia? E o que se pode dizer de assassinos seriais que afirmam ter encontrado a paz espiritual atrás das grades, depois que se converteram a Cristo Jesus?

Enquanto as famílias das vítimas e a sociedade lamentam as suas perdas, esses homens afirmam que a recente fé em Cristo, lhes dá a certeza do perdão de Deus!

Deus pode perdoar um assassino serial? Seria moral Deus perdoar alguém assim? Este perdão não vitimaria novamente as famílias e amigos dos mortos? Com certeza a pergunta certa e mais importante de todas seja esta: Se Deus pode perdoar assassinos seriais que se entregam à misericórdia de Seu Filho, não haveria misericórdia para todos nós quando nos arrependemos? Certamente que sim, pois a Bíblia afirma que as Suas misericórdias não têm fim e elas são a causa de não sermos consumidos! (Lamentações 3 :22-23).

Dando-se crédito às nossas emoções, podemos pensar que fomos longe demais e o nosso autodesprezo parece que é merecido. Mas há esperança em

Deus e Ele quer que creiamos em Sua capacidade de perdoar os pecados, mesmo os pecados que não conseguimos esquecer. Mas o que sabemos a respeito deste perdão? O que a Bíblia diz? O perdão acontece automaticamente e é sempre para todos?

Segundo as Escrituras, NÃO! A oferta de perdão de Deus vem com condições, embora Ele esteja sempre pronto a perdoar qualquer pecador arrependido. Ele não os perdoa *automaticamente*, e Ele não está obrigado a fazê-lo, consoante Sua manifestação assaz clara em Deuteronômio 29: 18-20 que diz:

Para que entre vós não haja homem, nem mulher, nem família, nem tribo, cujo coração hoje se desvie do Senhor nosso Deus, e vá servir aos deuses dessas nações; para que entre vós não haja raiz que produza veneno e fel, e aconteça que alguém, ouvindo as palavras deste juramento, se abençoe no seu coração dizendo: Terei paz, ainda que ande na teimosia do meu coração para acrescentar à sede a bebedeira. O Senhor não lhe quererá perdoar, pelo contrário, fumegará contra esse homem a ira do Senhor, e o seu zelo, e toda a maldição escrita neste livro [a Bíblia] pousará sobre ele, e o Senhor lhe apagará o nome de debaixo do céu. (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p.237 do AT).

Vê-se, claramente, pelo último versículo do texto acima, que Deus usa o Seu livre arbítrio para perdoar ou não a alguém. A expressão “O Senhor não lhe quererá perdoar, pelo contrário...”, deveria gerar muito temor em todos nós, principalmente quando pecamos deliberadamente e, de certa forma, “tentando ao Senhor Deus”, quando o próprio Senhor Jesus disse a Satanás e também a todos nós. “... Escrito está: Não tentarás ao Senhor teu Deus”.

Há 269 anos, o famoso pregador Jonathan Edwards fez o seu mais famoso sermão: “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado” em (08/07/1741), quando, então, a unção e presença de Deus foi tão forte no auditório, que algumas pessoas se agarravam aos bancos, com medo de deslizarem para as chamas do inferno... Edwards disse:

“Ó pecador, considera o terrível perigo no qual estás. É um grande forno de ira, um abismo largo e sem fundo, cheio do fogo da ira que está sobre ti, na mão desse Deus cuja ira é provocada e está acesa contra ti, tanto quanto os condenados ao inferno. Estás pendurado num fio muito fino, com as chamas da ira divina ardendo ao teu redor e prontas para queimarte a qualquer momento [...] A miséria à qual tu estás exposto é aquela que Deus te vai infligir, a ponto de te mostrar o que é a ira de Jeová”. (EDWARDS, *apud* De Haan II, *in* O Perdão de Deus, p. 6).

Oxalá se pregasse hoje sermões como este de Jonathan Edwards! Talvez milhões, quiçá bilhões de vidas seriam salvas “... da ira vindoura”! Infelizmente

o evangelho pregado hoje não fala nem da cruz e muito menos da justa ira de Deus sobre o pecado e pecadores... Fala-se, e muito, “da prosperidade e bem estar aqui e agora”, como se Jesus tivesse ensinado seus seguidores a ajuntar tesouros aqui na terra e não nos céus! (Mateus 6: 19-21).

Deus tem em mente mostrar aos anjos e aos homens duas coisas: A excelência do Seu amor, como também, quão terrível é a Sua ira! A ira de Deus significa que Ele nos ama tanto, que não pode ignorar o dano que estamos fazendo a nós mesmos e aos outros... Na maior história de amor que o mundo já conheceu, está descrito, também, o drama de um Deus que ama a ponto de odiar o mal.

Em Seu profundo amor, chega a irar-se contra os Cristãos renascidos e líderes religiosos que, minimizam o pecado em suas próprias vidas, e chamando-o de “problemas” e não de pecado, afastam, assim, os que tanto necessitam da misericórdia de Deus, como está ensinada nas Escrituras. Deus ama a ponto de irar-se com aqueles que reduzem o pecado a legalismos insignificantes, enquanto ignoram as necessidades do próximo, deixando de cumprir “o grande mandamento da Lei” de que falou Jesus! (Mateus 22: 36-40).

Desde que Deus se revelou na pessoa de Seu Filho Jesus, conforme (Colossenses 1:15), temos em Jesus a figura perfeita do equilíbrio entre o amor e a ira celestial. Vemos em Mateus 21:12, que Jesus amava tanto, que chegou a irar-se com o que era praticado no Templo com a permissão (remunerada) dos Líderes, acabando com aquela prática que ofendia a santidade de Deus.

Ele nos amou com tal profundidade que nos advertiu sobre a ira de Deus, ensinando que o amor de Deus é equivalente à Sua ira:

“Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, porém, desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”. (João 3:36).

Não se pode aceitar qualquer incompreensão entre o amor e a ira de Deus. Jesus não veio para nos condenar (João 3:17), mas sim para nos salvar dos nossos pecados e da Sua própria ira. Muitos séculos antes do sermão de

Jonathan Edwards, Jesus afirmou: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo”. (Mateus 10:28).

A verdade a respeito do amor e da ira de Deus, não se encontra de forma isolada nem no Seu amor nem na Sua ira. A verdade é que o amor divino é igual a ira divina (como as faces de uma moeda). Seremos confrontados com uma ou outra, não há como escapar desta realidade espiritual. Quer queiramos ou não, quer gostemos ou não, quer aceitemos ou não, a verdade é que Deus cumprirá integralmente a Sua Palavra na vida de todos os viventes, ou seja, experimentaremos eternamente ou o Seu Amor ou a Sua ardente Ira!

A sociedade perturba-se quando um crime permanece impune; queremos que o culpado pague pelo assassinato de uma criança, pois a exigência por Justiça está profundamente enraizada no ser humano, em todas as eras e civilizações. Deus mesmo estabeleceu no Antigo Testamento, o princípio da verdadeira Justiça retributiva, ou seja: “O teu olho não terá piedade dele; vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé”. Assim, se alguém assassinasse outrem, teria a sua vida tirada da mesma forma; se alguém vazasse o olho direito de alguém, teria o seu olho direito vazado da mesma forma; se numa luta arrancasse determinado dente, teria o mesmo dente seu arrancado da mesma forma; se decepasse a mão ou pé esquerdo de alguém, teria esses mesmos membros decepados e sempre da mesma forma... Era o princípio da equivalência retributiva. Hoje, à guisa da “humanização das penas”, chegou-se a iniquidade de se matar alguém por ciúmes ou algum motivo fútil, e cumprir (quando cumpre), de 6 a 8 anos de prisão e logo ganhar a liberdade, em vista de um série interminável de benefícios prisionais, ainda que a condenação tenha sido até mesmo superior a 30 anos, que é o máximo permitido em lei. Esta é uma das razões do descrédito da Justiça humana, entretanto, é bom que se saiba que a Justiça divina se manifestará na eternidade, através da ardente ira de Deus!

Como pode este mesmo Deus perdoar um pecador? Como exercer justiça, a não ser castigando o culpado? Quem pode aceitar a responsabilidade por nossos pecados?

Existe somente outra possibilidade... Além de nós mesmos, o único que pode se responsabilizar é aquele que nos deu a liberdade para pecar. Assim como um pai que permite a seu filho não habilitado a dirigir, ou que use o carro da família, Deus nos deu a liberdade, o tempo e a capacidade para pecar. É possível que ele mesmo se ofereça para pagar os nossos danos? A Bíblia nos ensina que foi exatamente isto que Ele fez e com alto custo pessoal. Por toda a eternidade o céu mostrará que Deus estava certo dando-nos a liberdade para pecar. A eternidade mostrará a Sua sabedoria em deixar-nos descobrir o preço do pecado e as terríveis consequências da nossa deliberada desobediência, pois somente assim não haverá mais no céu nova rebelião ou desobediência ao Eterno. Por toda a eternidade, o céu também honrará a Justiça e a Misericórdia do Criador, o qual escolheu levar a carga da nossa rebeldia!

O pagamento pelos nossos pecados teve custos eternos. Num ato de auto sacrifício sem igual, Deus construiu uma ponte de duas vias, de Justiça e Misericórdia sobre o abismo do pecado que nos separava dele. Na terra os executores romanos cravaram pregos nas mãos e nos pés do único Filho de Deus. No céu, um Pai sofreu como nenhum pai humano jamais sofreu e quando tudo havia terminado, Deus aceitou o sacrifício como pagamento suficiente pelo nosso pecado e a Justiça divina estava feita. Três dias mais tarde, Cristo ressuscitou corporalmente dos mortos e com o milagre da ressurreição Ele mostrou que o Céu aceitara o Seu sacrifício. Um fundamento legal fora colocado para a doutrina da Justificação por fé.

Segundo o apóstolo Paulo, Deus é Justo para Justificar (declarar Justo) a todos os que veem a Cristo por Fé. Em Romanos 3 ele escreveu:

Porquanto pelas obras da lei nenhum homem será justificado diante dele; pois o que vem pela lei é o pleno conhecimento do pecado. Mas agora, sem lei, tem-se manifestado a justiça de Deus, que é atestada pela lei e pelos profetas; isto é, a justiça de Deus em Jesus Cristo para todos os que crêem; pois não há distinção. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs como propiciação, pela fé, no seu sangue, para

demonstração da sua justiça por ter ele na sua paciência, deixado de lado os delitos outrora cometidos; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e também justificador daquele que tem fé em Jesus. (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p. 191 do NT).

O texto acima é assaz precioso para o Cristianismo, vez que, com as revelações dadas pelo Senhor Jesus a Paulo, o Cristianismo se desprende, definitivamente, das amarras do Judaísmo que operava sob o jugo da Lei de Moisés, “Dispensação da Lei” e inaugura uma dispensação superior que é a “Dispensação da Graça”, na qual a Salvação é oferecida gratuitamente a todos os homens, (portanto, sem a necessidade das práticas das obras da Lei, e é mais abrangente, pois alcança Judeus e Gentios), mediante a aceitação, pela fé, do sacrifício vicário (substituto), feito por Jesus na Cruz do Calvário!

3.1.1 Como chegar ao Perdão

Deve-se considerar sempre que, as situações em que se é levado a exercitar o perdão são variáveis, razão porque se faz necessário ter discernimento especial a cada vez que ocorrer um conflito. Há casos que requerem apenas decisões básicas, mas em outros é preciso ter-se uma compreensão mais abrangente e profunda dos fatos.

Foster (1993) apresenta uma extensa lista de 19 preciosas sugestões para se praticar o perdão, (especialmente quando não se sabe como agir), cujas sugestões transcrevo abaixo, por serem elas autoexplicativas e de grande importância para o tema ora em exame. Diz Foster:

1. Reexaminar, com objetividade, a ofensa sofrida. É fato que quando somos dominados por emoções fortes é muito difícil agir de forma objetiva. Mas o Espírito Santo (por vezes com o auxílio de um conselheiro cristão ou de um amigo em quem confiamos) pode ajudar-nos a abrir a mente e o coração. [...] É muito importante que identifiquemos e reconheçamos os sentimentos que estamos abrigando no coração. Se não o fizermos, poderemos acabar reprimindo pensamentos e sentimentos que mais tarde virão à tona para nos fazer sofrer. Então é preciso que tragamos tais emoções ao consciente, em vez de escondê-las no fundo do coração. “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. (Jo 8.32). **2. Rejeitar idéias de desforra.** Estamos sempre querendo que aqueles a quem ofendemos sejam misericordiosos conosco, mas ao mesmo tempo desejamos que nossos ofensores sejam punidos e seu erro manifesto. E se não se faz justiça imediatamente, tentamos *aplicá-la* nós mesmos. O fato, porém, é que é impossível obtermos a compensação psicológica, e por isso precisamos rejeitar

o impulso de nos vingar. A satisfação proveniente da “desforra” é de curtíssima duração, e só serve para intensificar nossos sentimentos negativos. Lembremos que o perdão deve nascer no coração. Só obtemos a satisfação emocional, depois que damos o passo do perdão. “Não torneis a ninguém mal por mal... Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem”. (Rm 12.17,21). **3. Admitir que a ofensa pode não ter sido intencional, ou que quando aquela pessoa nos magoou, podia estar passando por problemas sérios, sofrendo de alguma dor ou um stress.** Muitas vezes acreditamos no pior, em vez de dar ao ofensor o benefício da dúvida. Quantas vezes dizemos palavras impensadas, sem intenção de magoar outrem, e depois nos arrependemos de havê-lo feito. Assim, também, precisamos reconhecer que aqueles que nos magoam podem não ter tido a intenção de fazê-lo. Nós desejamos que Deus e os outros sejam compreensivos conosco. Por que não demonstramos essa mesma compreensão para com aqueles que nos magoam? (Sl 79,8; Mt 9,36; Rm 9.15; Cl 3.12). **4. Levar em conta todos os pecados de que Cristo nos perdoou.** Há um adesivo plástico para carros que diz: “Os crentes não são perfeitos, apenas perdoados”. Embora ele não diga tudo, não deixa de ser verdade. Não somos perfeitos, mas fomos plenamente perdoados. Cristo nos perdoa completamente, sejam quais forem os pecados que cometemos e a frequência com que o fazemos. “(Deus) vos deu vida juntamente com ele, perdoadando todos os nossos delitos.” (Cl 2.13). **5. Arrepende-nos de amarguras guardadas no coração.** A ofensa de que fomos vítima não irá destruir-nos, mas o ressentimento, sim. A amargura é como uma pequenina semente que se aloja no nosso coração, e começa a criar raízes. E além de suas raízes sufocarem nossa vida emocional e espiritual, seu fruto contamina a todos os que conosco se relacionam. Se temos consciência de que estamos abrigando amargura, peçamos ao Senhor que nos perdoe e nos purifique (Hb 12..15). **6. Acertar a nossa parte no conflito.** Deus deseja que nos reconciliemos uns com os outros, e exige que façamos nossa parte em cada situação conflituosa. Jesus ensinou que se pecarmos contra alguém, devemos procurar essa pessoa e acertar tudo com ela (Mt 5.23,24). Ensinou ainda que se alguém pecar contra nós, devemos procurar esse indivíduo e procurar resolver o problema. Se não o conseguirmos na primeira tentativa, devemos tomar a decisão interior de perdoar-lhe, de amá-lo, e depois pedir a um ou dois amigos crentes que nos acompanhem numa próxima tentativa de confrontação com essa pessoa. Se ainda assim ela não aceitar a reconciliação, temos que levar o caso à liderança da Igreja. Caso ela seja de outra Igreja, podemos ir falar com seu pastor (Mt.18.15-17). Depois que resolvemos a questão do conflito interior, podemos ter o amor e a objetividade necessários para ajudar nosso irmão, em vez de ficar clamando por justiça. **7. Apropriar-nos da certeza de que Cristo perdoou nossos pecados.** É meio difícil perdoar, quando sentimos que não fomos perdoados. Mas Cristo afirma que se confessarmos os nossos pecados, ele os perdoará e nos purificará de toda injustiça (1Jo 1.9). Esse perdão não se baseia apenas na nossa confissão, não. Baseia-se principalmente no sacrifício que Jesus realizou na cruz do Calvário para nos trazer o perdão (1Jo 1.7). O perdão de Cristo acha-se permanentemente à nossa disposição por intermédio da expiação efetuada por ele, mas precisamos confessar e arrepende-nos dos nossos pecados para recebê-lo. E quando os confessamos, não é a nós que Deus fica devendo o perdão, não. Deve-o a Jesus, pois ele levou sobre si a nossa culpa, e pagou por nossos pecados com seu próprio sangue, para que fôssemos perdoados. **8. Libertar nossos ofensores de qualquer dívida ou obrigações que possam ter conosco.** Na oração que Jesus ensinou ele diz: “E perdoa as nossas dívidas assim como (na medida que) nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6.12). Se aquele que nos ofendeu, arrependido, se propõe a reparar o erro, devemos recebê-lo sem hesitação. Mas mesmo que ele não nos peça perdão, temos de cancelar toda e qualquer dívida emocional dele para conosco. É comum ficarmos esperando que aquele que nos magoou venha a pedir-nos perdão, para só então perdoar-lhe. Isso não é sensato, e tampouco é esse o ensino bíblico. Poderíamos ficar a vida inteira esperando. E enquanto esperamos, a amargura e o ressentimento podem destruir-nos. Deus ordena que perdoemos incondicionalmente. Temos de aceitar o fato de que aquele débito talvez nunca venha a ser saldado. Não podemos deixar que isso impeça que perdoemos e amemos unilateralmente o nosso ofensor. **9. Confiar no poder do Espírito Santo para ajudar-nos a perdoar e amar.** Não basta tomar a decisão de perdoar. Temos também de tomar a decisão de amar o outro com o amor do Senhor. Esse amor se acha ao nosso dispor pela fé, por intermédio do Espírito Santo. Podemos estar certos de que se Deus nos manda amar e perdoar, e se o Espírito nos insta a que o façamos, ele nos dará a graça de que precisamos para tal. “O amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo.” (Rm 5.5). O perdão é como uma ponte que faz a ligação entre o conflito e sua solução. Mas

assim que tivermos atravessado essa ponte, temos que amar aquele que nos magoou. Se não tomarmos a decisão de amá-lo, atravessaremos a ponte de volta para a zona de conflito. O amor destrói as pontes que deixamos para trás, tornando permanente o nosso perdão. **10. Reafirmar o perdão concedido sempre que necessário.** Mesmo depois que tomamos a decisão de perdoar, podemos ainda ter pensamento ou sentimentos de raiva e ódio. Então, cada vez que isso ocorrer, precisamos reafirmar o perdão. “Já perdoei essa pessoa e agora a amo. Posso não estar sentindo amor, mas recuso-me a voltar a pensar na ofensa que cometeu contra mim”. Podemos também orar a Deus pedindo-lhe que, caso nosso perdão tenha sido incompleto, ele nos fortaleça para que a decisão de perdoar seja consumada em nosso coração. **11. Definir com clareza de quem é a culpa do erro, e, isso feito, perdoar e não culpar a mais ninguém.** Nossa tendência é ficar repassando, nos mínimos detalhes, o episódio que nos magoou culpando a todos os implicados. E isso é importante. Então não devemos aceitar um sentimento de condenação. Precisamos definir bem quem é o culpado – a outra pessoa ou nós mesmos. Atribuir culpa a quem cometeu o erro é encarar a realidade e praticar a verdade. E é a verdade que nos liberta (Jo 8.32). Se não definirmos claramente de quem é a culpa, podemos atribuí-la a outra pessoa, que não o culpado, ou então estendê-la a outros. Agindo assim, em nossa ânsia de nos desferrar ou nos inocentar, causamos sofrimentos a todos os que nos cercam. **12. Refazer relacionamentos desfeitos.** Dean Sherman, um dos líderes da missão JOCUM, e um notável professor, afirma: “Todos os nossos problemas são questões de relacionamento”. E ele tem razão. Nosso objetivo não deve ser apenas nosso bem-estar espiritual, mas também a restauração de relacionamentos estremeçados. É claro que existem pessoas com quem não podemos ter nenhum tipo de relacionamento (principalmente nos casos em que, no passado, houve pecados sexuais ou relações ilícitas). Mas Jesus derruba todas as barreiras que podem existir entre indivíduos, famílias, grupos e nações. Sempre que possível, nosso alvo deve ser buscar a reconciliação e união com o nosso próximo. Igualmente importante é tomar a decisão de cultivar bons relacionamentos com outros. “Se possível, quando depender de vós, tende paz com todos os homens”. (Rm 12.18). **13. Praticar gestos de amizade e dar demonstrações de afeto.** Embora não sirva para substituir palavras de perdão, podemos dar um pequeno presente ao nosso ofensor ou cumprimentá-lo amistosamente, dando assim demonstrações tangíveis de que lhe perdoamos e queremos sua amizade. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu...” (Jo 3.16). “Peço-te, pois, recebe o meu presente... E (Jacó) instou com ele (Esaú), até que o aceitou”. (Gn 33.11). [...]. **14. Apropriar-se da cura emocional e espiritual.** Jesus pode curar nossos traumas emocionais e lembranças penosas. Não creio, como crêem alguns, que Deus volta atrás no tempo e nos restaura naquele momento em que sofremos a ofensa ou fomos magoados. Mas é certo que ele é “socorro bem presente nas tribulações” (Sl 46.1), e pode libertar-nos e reparar as conseqüências dos males sofridos e de fatos do passado que ainda se acham guardados em nossa memória. Todas as vezes que perdoamos a alguém, lidamos com fatos do passado, tenham eles ocorrido anos atrás ou há poucos minutos. Nosso passado vive conosco como se fosse o presente. Portanto, assim que resolvemos os conflitos, dá-se a restauração. **15. Resistir a toda tentação de fazer intrigas sobre nosso ofensor.** Se criticarmos ou fizermos intrigas a respeito daquele que nos ofendeu, estaremos jogando mais lenha na fogueira do ressentimento, e será mais difícil perdoar. “Temo, pois, que... haja entre vós contendas, invejas, iras, porfias, detrações, intrigas, orgulho e tumultos” (2Co 12.20). **16. Orar pelo ofensor.** É praticamente impossível guardar rancor por quem oramos. E Deus usa a nossa oração para tocar o coração dos dois implicados no conflito. Tornamo-nos mais sensíveis à vontade de Deus, percebemos melhor a necessidade que temos de sujeitar-lhe a nossa vontade e obedecer à sua Palavra. “Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”. (Mt 5.44). **17. Dobrar-se à vontade de Jesus Cristo.** Quem abriga uma atitude de rancor, está resistindo aos apelos do Espírito Santo e desobedecendo a Deus. O perdão que ele nos dá demonstra a sua misericórdia para conosco. É por isso que Paulo escreve: “Rogo-vos, pois, irmãos pelas misericórdias de Deus que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus...” (Rm 12.1). Temos que arrepender-nos das atitudes erradas e renovar a nossa consagração ao Senhor. **18. Pedir a alguém que ore por nós com o objetivo de curar as lembranças.** Talvez seja necessário conversar sobre o problema com um pastor ou um irmão experiente em quem confiamos, ou expô-lo em nosso grupo de comunhão. Nesse caso podemos pedir que orem por nós, no sentido de que Deus nos conceda a cura interior de todas as lembranças dolorosas. “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados”. (Tg 5.16). **19. Resistir**

ao diabo. Quando guardamos raiva ou rancor no coração, estamos dando lugar a Satanás, e ele se aproveita muito bem disso. Precisamos rejeitar os pensamentos de raiva ou rancor no momento em que sobrevierem. “Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo”. (Ef 4.26-27). (FOSTER, George R. *in* O Poder Restaurador do Perdão. Betânia, 1993, p.43-49).

As 19 sugestões de George Foster para se praticar o perdão acima transcritas, formam um precioso roteiro para o Cristão fazer um autoexame dos seus sentimentos, quando precisar lidar com a necessidade de liberar ou pedir perdão a alguém. Como foi dito, elas são autoexplicativas e não necessitam de outros comentários para que sejam entendidas.

No final do primeiro capítulo que denominaram “POR QUE PEDIR PERDÃO?”, os escritores cristãos Chapman e Thomas desenvolvem da seguinte maneira o tópico: “É possível aprender a pedir perdão?”

A boa notícia é que a arte de pedir perdão pode ser aprendida. Descobrimos em nossas pesquisas que há cinco aspectos fundamentais nessa questão. Nós os denominamos as cinco linguagens do perdão. Cada uma dessas linguagens é importante, mas, dependendo da pessoa, uma ou duas podem ser mais eficazes do que as demais. O segredo dos bons relacionamentos consiste em aprender a linguagem do amor relacionada ao processo do perdão mais apropriada à outra pessoa e se dispor a aprendê-la. Quando se usa essa linguagem principal, é muito mais fácil receber o perdão. Quando, porém, a linguagem é negligenciada, o perdão se torna um processo muito mais complicado, pois a outra pessoa não terá tanta certeza de que o pedido de desculpas é sincero. A compreensão e a aplicação das cinco linguagens do perdão podem potencializar todos os relacionamentos. (CHAPMAN, Gary. PhD. THOMAS, Jennifer M. *in* As cinco linguagens do perdão. Mundo Cristão, 2007, p. 23-24).

E concluem eles o mencionado capítulo comentando:

Uma das falas mais famosas do filme *Love Story*, que fez grande sucesso nos anos 1970, é: “Amar é nunca ter que pedir perdão”. Não, pelo contrário, amar muitas vezes significa se desculpar, e o amor verdadeiro sempre implica um pedido de perdão por parte da pessoa que erra e uma concessão de perdão pela que foi prejudicada. Essa é a trilha que conduz a relacionamentos restaurados e felizes. Tudo começa quando se aprende a usar a linguagem do perdão mais apropriada. (Idem, idem, *ibidem*).

Tanto Foster, como Chapman e Thomas, afirmam não somente que é perfeitamente possível aprender a perdoar ou a desenvolver as linguagens (5) do Perdão, como mostram os benefícios do perdão para quem o libera e para quem o recebe, pois o perdão sempre gera cura e libertação emocional e, as vezes, até física, além de proporcionar restauração de relacionamentos. Sem dúvida o Perdão é doutrina fundamental no Cristianismo.

3.1.2 É possível perdoar quem já morreu?

O médico Psiquiatra Damasceno (2009), levanta e responde a pergunta: “Pode-se declarar perdão, ou mesmo pedir perdão a quem já morreu?” Sua resposta é SIM. Mesmo em relação àquelas pessoas que já morreram deve-se liberar perdão, não que isto fará qualquer diferença para a pessoa já falecida, mas certamente fará diferença para quem liberou o perdão. Deve-se ter sempre presente em mente, a afirmação bíblica de que Deus é “Deus dos vivos e dos mortos”. Ele foi, é e continua sendo o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó.

Ainda que seja necessário pedir perdão por um pecado ou dano que foi causado a alguém que já morreu, é possível fazer isso na presença do Senhor. Deve-se fazer isso na presença de duas testemunhas da Igreja, que possam testificar sobre o sincero arrependimento; pedido de perdão e confirmar aquele pedido de perdão que Jesus alcançou na Cruz por todos os que se arrependem!

Convém ressaltar, entretanto, que esse pedido de perdão relativo a alguém que já morreu, não significa dirigir uma oração a mortos, posto que, na verdade, a oração e pedido de perdão são dirigidos a Deus (que é eterno), podendo-se, pois, rogar a Ele, pois dEle é que virá o perdão.

Cole (2006), relata sobre uma experiência que teve com um cientista residente na Califórnia. Fazia vinte anos que seu pai havia falecido, e nos últimos quinze anos de vida dele, os dois não haviam trocado uma palavra sequer. Portanto, havia trinta e cinco anos que ele guardava aquele rancor em seu íntimo.

O problema era que, fazia já dois anos que ele não conversava com sua filha! Ela até se mudara para o Havaí para afastar-se dele. Naquela noite, ele se deu conta que vinha cometendo com a sua filha o mesmo erro que seu pai havia cometido com ele. E também sofria as consequências. O que deveria

fazer? O seu pai já estava morto havia muito tempo! Era preciso que ele perdoasse o seu pai, apesar dos anos.

Orou-se com ele e aquele homem recebeu a libertação de que precisava. Naquela mesma noite ele escreveu à filha uma longa carta. Nela, pedia-lhe perdão e revelava-lhe alguns fatos que a moça desconhecia. Pouco tempo depois Cole esteve com ele, que lhe contou a sua reconciliação com a filha e que estava planejando ir ao Havaí para ver a filha e os netos!

Já está comprovado que a maioria das pessoas que maltratam os filhos, também foi maltratada quando era criança! Muitos pais acham que reconhecer seus erros ou pecados diante dos filhos, e pedir-lhes perdão, são sinais de fraqueza... Não é verdade. Perdoar e pedir perdão são traços de quem é semelhante a Cristo.

3.1.3 Há pecado imperdoável?

3.1.3.1 Posição Calvinista

Para enfrentar essa questão, mister se faz examiná-la à luz de dois textos bíblicos, a saber:

Em verdade vos digo: Todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, bem como todas as blasfêmias que proferirem; mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca mais terá perdão, mas será réu de pecado eterno. (Marcos 3.28,29).(ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p.49 do NT).

Se alguém vir seu irmão cometer um pecado que não é para a morte, pedirá, e Deus lhe dará a vida para aqueles que não pecam para a morte. Há pecado para a morte, e por esse não digo que ore. (I João 5.16). (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p.299 do NT).

O Teólogo Champlin (1995), ao discorrer sobre o que chama de: “O Pecado Imperdoável”, afirma que: “Esse é o pecado contra o Espírito Santo”. Mas no que, exatamente, consiste esse pecado?

Os textos envolvidos ensinam que se trata de uma blasfêmia, e diz respeito à pessoa do Espírito Santo, posto que os Fariseus atribuíram aos demônios a inspiração e o poder usado por Jesus aos expulsar demônios, ao invés de atribuir ao Espírito Santo tal inspiração e poder.

O “*ponto de vista dispensacional*” - ensina Champlin -, afirma que tal tipo de pecado só podia ocorrer nos dias em que Cristo estava neste mundo, agora, porém, Cristo não está operando no mundo em pessoa, pelo que as pessoas não podem atribuir ao diabo o que Ele realiza.

A “*opinião dos não-dispensacionalistas*” – comenta Champlin -, é que esse pecado continua sendo possível até hoje. Por exemplo: Quando os homens resistem teimosa e perversamente as operações do Espírito Santo, manifestadas através da administração do Evangelho, e atribuem tais operações a Satanás. (CHAMPLIN, R.N. PhD, Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Candeia, vol.5. p.209/210).

A seguir destaca Champlin, as possíveis interpretações:

a) A interpretação da *resistência agravada*.

Os indivíduos que, contínua e resolutamente se opõem ao Evangelho e seu ministério, durante certo período de tempo, terminam por colocar-se fora do alcance do Perdão Divino. Assim sendo, esse pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo, envolveria um longo período de rebeldia e oposição, não sendo, portanto, um pecado isolado.

b) Interpretação da *desobediência agravada*.

Os homens que persistem no pecado, em sentido geral, finalmente não mais podem ser alcançados pelo Perdão Divino. Aqueles que continuamente repelem a chamada divina, e que se opõem aos que anunciam o Evangelho, tornam-se culpados de blasfêmia contra o Espírito Santo, contra a missão de Cristo. Concluindo o renomado Teólogo que:

Dentre essas várias possibilidades, a mais correta e provável é a primeira, ou seja, da alínea “a” acima. (Idem, idem, ibidem).

Ao analisar o texto de I João 5:16, surge necessariamente a pergunta: em que consiste o chamado “Pecado para a Morte”?

Alguns Teólogos vinculam esse pecado, ao pecado de Blasfêmia contra o Espírito Santo, de Marcos 3:28,29, já tratado acima.

Todavia, Champlin (1995) pensa diferente, e afirma que este tipo de pecado é cometido por um crente e não por um incrédulo, e que pode levar à morte física, mas não à morte espiritual.

Acentua ele que, tais crentes vivem por tempo demasiado na obstinação do pecado ou então acabam cometendo algum gravíssimo pecado ou uma série de pecados, e por isso precisam experimentar a morte física,

como resultado natural de seus atos. O exemplo de I Coríntios 5:1 a 5, confirmaria tal entendimento, onde o apóstolo Paulo insta a Igreja de Corinto a entregar o corpo de um dos seus membros a Satanás para destruição, para que o seu espírito fosse salvo no Dia do Juízo, e isto por ter ele casado com sua madrasta!

Ainda que hoje alguns poucos Teólogos (Calvinistas) se apeguem ao “*ponto de vista dispensacional*” acima exposto, a grande maioria advoga o “*ponto de vista ou o ensino dos não-dispensacionalistas*”, visto ser ele mais consentâneo com o ensino das Escrituras sobre o assunto, adotando, por conseguinte, a interpretação da “*resistência agravada*”.

Entrementes, e não obstante a boa argumentação de Champlin sobre “O pecado para a morte” de I João 5:16, alguns teólogos (Calvinistas) insistem em ligar tal texto ao de Marcos 3: 28 e 29, concluindo que trata-se do pecado de “blasfêmia contra o Espírito Santo” e, portanto, de “pecado imperdoável”, enquanto a maioria adota a posição de que tal pecado somente é passível de ser cometido por um salvo e, que, portanto, sua obstinação em permanecer no pecado, acarretará, tão somente, a sua morte física e nunca a espiritual...

3.1.3.2 Posição Arminiana

Jacó Armínio, que foi discípulo de João Calvino, sem dúvida alguma superou seu antigo mestre nos polêmicos temas teológicos da Eleição e Predestinação. Assim, convém analisar o tema “Há pecado imperdoável?”, do ponto de vista Arminiano, usando-se os mesmos versículos a seguir transcritos:

Em verdade vos digo: Todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, bem como todas as blasfêmias que proferirem; mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca mais terá perdão, mas será réu de pecado eterno. (Marcos 3.28,29). (Idem, idem, ibidem).

Se alguém vir seu irmão cometer um pecado que não é para a morte, pedirá, e Deus lhe dará a vida para aqueles que não pecam para a morte. Há pecado para a morte, e por esse não digo que ore. (I João 5.16). (Idem, idem, ibidem).

Partindo-se da vasta quantidade de textos bíblicos tanto do Antigo como do Novo Testamento, que comprovam que o Cristão nascido de novo pode perder a sua salvação, através da exata compreensão das doutrinas do “Livre Arbítrio” e da “Apostasia”, tem-se que, tanto o Ímpio como o Justo podem cometer o pecado de Blasfêmia contra o Espírito Santo, mencionado por Jesus em Marcos 3:28,29, como também em Mateus 12:31,32.

Convém notar que, os dois versículos registrados por Marcos e Mateus sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, foram escritos sob a inspiração do Espírito Santo e preservados para toda a Igreja em todas as eras, e não somente para aqueles que os ouviram da boca de Jesus e aplicáveis apenas enquanto Jesus pregava sobre a terra, (pois ai não haveria razão para serem preservados!).

Em se tratando do Ímpio, ele jamais será “convencido” pelo Espírito Santo do “Pecado, da Justiça e do Juízo para a sua salvação”, por ter blasfemado contra Aquele que o poderia conduzir a Cristo, e isto porque o ímpio, usando o seu livre arbítrio, escolheu injuriar o Espírito Santo, ao atribuir a Satanás, obras que ele sabe perfeitamente que foram realizadas pelo Espírito Santo, fazendo isto por inveja, orgulho e/ou preconceito religioso...

Em se tratando do Justo, ele também pode, de forma consciente e usando o seu livre arbítrio, atribuir a Satanás ou a seus demônios, obras que ele sabe perfeitamente serem realizadas pelo Espírito Santo, através de um Cristão consagrado que não faz parte do “seu grupo religioso”, fazendo isto por motivos de inveja, ciúme, orgulho e/ou preconceito religioso. A consequência neste caso não é apenas a morte física (que poderá ou não ocorrer), mas com certeza será a sua “morte espiritual”, já que o Justo conserva o seu “livre arbítrio” e poderá usá-lo a qualquer momento, tanto para blasfemar contra o Espírito Santo como para “apostatar da fé”. Aliás, a “Apostasia” somente poderá ser praticada por alguém nascido de novo, posto ser impossível ao ímpio renunciar ou perder algo que nunca teve, qual seja, o Novo Nascimento. Escrevendo ao jovem Pastor Timóteo, o apóstolo Paulo fala da apostasia que viria nos “últimos dias” (que são os dias de hoje, sem nenhuma dúvida), dizendo:

Mas o Espírito [Santo] expressamente diz que nos últimos dias alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cauterizada. (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p.261 do NT).

Mas os que querem tornar-se rico caem em tentação e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, as quais submergem os homens na ruína e na perdição. Porque o amor ao dinheiro é raiz de todos os males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores. (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p.262/263 do NT).

Observe-se, primeiramente, que o apóstolo Paulo está direcionando as advertências acima a Cristãos nascidos de novo e não a Ímpios, e isto é muito importante, pois situa os textos dentro dos dias atuais.

Verifica-se nos dias que correm uma crescente apostasia da “sã doutrina”, praticada por várias lideranças cristãs evangélicas hipócritas que, seduzidas por espíritos enganadores, desvirtuam o verdadeiro Evangelho da Salvação e pregam com grande ênfase a prosperidade a qualquer custo, e, sob o pretexto de estarem “fazendo a obra de Deus” eles acabam por incidir na advertência bíblica que diz: “e fazem do povo de Deus negócio” (II Pedro 2:3).

Quanto a questão do “Pecado para a Morte” temos o seguinte na interpretação Arminiana:

Se alguém vir seu irmão cometer um pecado que não é para a morte, pedirá, e Deus lhe dará a vida para aqueles não pecam para a morte. Há pecado para a morte, e por esse não digo que ore. Toda a injustiça é pecado; e há pecado que não é para a morte. I João 5: 16,17. (ALMEIDA, Versão Revisada, 1986, p.299 do NT).

O apóstolo João menciona dois tipos de pecados: o pecado que não é para morte, que ele incentiva a intercessão visando o perdão de Deus, e o “pecado para a morte”, que ele diz que não adiantar a intercessão, pois tal pecado levará à morte seu praticante, sem mencionar mais nada sobre que tipo de pecado está ele falando! Aqui cabe uma pergunta fundamental: é possível a um Cristão herdar o reino de Deus com um pecado que não foi perdoado por Deus com base na obra expiatória de Jesus? (Pois sem intercessão e principalmente arrependimento e confissão do pecador, é impossível alcançar o perdão de tal pecado).

Nesta mesma epístola, no capítulo 1: 7 e 9 está escrito: “... e o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado [...] Se confessarmos os nossos

pecado, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça”. No final dessa sua epístola é feita a advertência aos cristãos que não orem pelo “pecado para a morte”. Pela conjugação destes versículos, vê-se que não se trata de “morte física” e sim de “morte espiritual”.

A conclusão Calvinista está assentada na interpretação errônea de que “Uma vez salvo, salvo para sempre”, quando o próprio Senhor Jesus disse que Ele é “... a videira verdadeira e nós somos as varas; toda a vara em mim que não dá fruto o Pai corta [...] tais varas são lançadas fora e secam-se, depois são recolhidas e lançadas no fogo...” (João 15: 1-2,6).

Em outras palavras, quando o cristão que está ligado a Cristo, mas resiste a obra de Santificação feita pelo Espírito Santo através da limpeza via (poda), para poder produzir o “fruto do Espírito” de (Gálatas 5:22-23), é ele então cortado pelo Pai da Videira (Cristo) e lançado fora... A consequência imediata é que tal cristão começa a secar espiritualmente, por já estar morto por ter sido cortado da videira verdadeira e, futuramente, ou seja, quando de sua morte física, é lançado no fogo do inferno.

Este “pecado para a morte” é diferente do pecado de Blasfêmia contra o Espírito Santo, pois somente pode ocorrer quando o Cristão, nascido de novo, é advertido pelo Senhor várias vezes acerca de determinado pecado em sua vida, e rejeita as advertências, entristecendo o Espírito Santo (Efésios 4:30), a ponto de “apagá-lo” na sua vida (I Tes. 5:19), perdendo, definitivamente a sua Salvação, pelo exercício do seu “Livre Arbítrio” ao preferir continuar, deliberadamente, na prática do seu pecado... Aliás, Hebreus 10: 26-31 é assaz claro e contundente ao afirmar:

Porque se voluntariamente continuarmos no pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma expectativa terrível de juízo, e um ardor de fogo que há de devorar os adversários. Havendo alguém rejeitado a lei de Moisés, morre sem misericórdia, pela palavra de duas ou três testemunhas; de quanto maior castigo cuidai vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do pacto, com que foi santificado, e ultrajar o Espírito da graça? Pois conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo. (ALMEIDA, Versão Revisada, p.278 do NT).

Verifica-se, no texto supra, que se trata de alguém nascido de novo, e que resistiu o processo de santificação ou limpeza (poda), a ponto de ir entristecendo o Espírito Santo no qual estava selado para o dia da redenção, acabando por extinguir a presença do Espírito Santo na sua vida, consoante se nota pelas expressões: "... depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade..." [...], "aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do pacto, com que foi santificado, e ultrajar o Espírito da graça...", que é o Espírito Santo!

Assim, entende-se como mais correta a interpretação Arminiana, de que o "Pecado para a morte" não somente pode ser praticado pelo Cristão nascido de novo, como também, pode implicar tanto na sua morte física como espiritual.

CONCLUSÃO

Concluindo-se esta Monografia, pode-se afirmar com segurança, pelo acima exposto, que a Doutrina do Perdão, nas Escrituras, é fundamental no Cristianismo.

Demonstrou-se, também, que o Perdão de Deus aos pecados dos Homens, nas chamadas "Dispensação da Lei" e "Dispensação da Graça", guardam realmente similitudes, mas são diferentes em essência. São similares porque exigem "derramamento de sangue inocente" (no Antigo Testamento a vida [o sangue] do animal era derramado para "cobrir o pecado do pecador"), e no Novo Testamento, a vida de Cristo [o seu sangue], foi derramado como preço da redenção de todos os homens, e, visto ser Ele inocente e sem pecado, foi sacrificado como "O Cordeiro de Deus, que 'tira' o pecado do mundo" (João 1: 29).

Por mais difícil que seja a prática do Perdão, somente por ele é possível o reequilíbrio físico, emocional e espiritual do ser humano, tendo como corolário a cura de eventuais doenças psicossomáticas, que vem se

constituindo em uma verdadeira epidemia mundial, bastando-se citar “a depressão”, que tem atingidos milhões de pessoas em toda a terra, independentemente de classes sociais, pois atingem tantos os pobres, como os remediados e ricos; do grau de instrução, acometendo desde analfabetos até os com pós-doutorado; como também, os que lideram e os que são liderados, etc., já que talvez a palavra mais pronunciada na face da terra e que denota insegurança que gera depressão, é a palavra “Crise”.

Doenças como as chamadas de “Alta Ansiedade” e “Síndrome do Pânico”, eram inteiramente desconhecidas há até bem pouco tempo atrás. As pessoas, em todos os lugares, vivem com ansiedade e medo, o que gera a já mundialmente conhecida e aceita enfermidade psicossomática chamada “Stress”, palavra que já se incorporou em todas as línguas, posto ser um fenômeno mundial...

Muitas vezes – mas não sempre -, na raiz de tais doenças psicossomáticas, está a falta de Perdão do ofendido, sendo desconhecido, infelizmente, para a maioria dos terapeutas que atuam nas áreas da Psicologia e Psiquiatria, que demônios que instigam o ódio nos corações, quase sempre estão por detrás de sentimentos e atitudes implacáveis das pessoas ofendidas, especialmente em se tratando de “traição conjugal”.

Em conclusão, e como ficou demonstrado nas várias abordagens do tema, a Bíblia apresenta a solução para todos os problemas da Humanidade, bastando que todos obedecessem ao que Jesus ordenou, quando citou um texto do Antigo Testamento, com os acréscimos que fez, como poderia fazer, por ser o Salvador do mundo, dizendo:

“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. E o segundo é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**, Versão Revisada. 6 ed. Rio de Janeiro. Imprensa Bíblica Brasileira, 1986.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Candeia, 1995.

COLE, Edwin Louis. **Homem ao máximo**: um guia para o êxito familiar. 2. ed. Belo Horizonte: Betânia, 2006.

DAMASCENO, Fábio. **Psicologia da Religião**: como perdoar até o imperdoável. 11.ed. Vinhedo. IFC, 2009.

De HAAN II, Martin. R. **O Perdão de Deus**. RBC Ministries, Grand Rapids, s/d.

EVERETT, Worthington, *in* **Casamento, ainda resta uma esperança**, SEPAL, *apud* Josadak Lima *in* **Ressentimento: Em busca do Equilíbrio Emocional**. 1 ed. Curitiba. A. D. Santos Editora, 2008.

FLORISTÁN Cassiano e DUQUOC Cristian, *in* **A Virtude do Perdão**, *apud* Milton Paulo de Lacerda, 1 ed. Petrópolis. Vozes, 2006.

FOSTER, George R. **O poder restaurador do perdão**. 1 ed. Venda Nova. Betânia, 1993.

GRIDER, J. K. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1990.

LIMA, Josadak. **Ressentimento**: Em busca do equilíbrio emocional. 1 ed. Curitiba. A.D.Santos editora. 2008.

RUBIO, Miguel. *in* **A Virtude do Perdão**, *apud* Milton Paulo de Lacerda. 1 ed. Petrópolis. Vozes. 2006.

